

MUNDARÉU

Mundaréu

Série: Ciências do Zika

Episódio #6: “O que seria uma ciência responsável?”

Transcrição do episódio: Luana Ainoã

Revisão da transcrição: Irene do Planalto Chemin e Soraya Fleischer

Legendas

Blocos

Efeitos sonoros

ABERTURA

[Música tema: “Suporto Perder”, de Flaira Ferro e Igor de Carvalho. O instrumental cresce aos poucos, iniciando com uma base de teclado em melodia rápida e repetitiva, bateria marcada e logo vem a guitarra com melodia lenta e marcada, grave. Ao fundo da melodia ouve-se sons como gritos de guerra e canto de pássaro. As diversas informações sonoras trazem sensação de suspense e alerta]

Irene: "Ciências do Zika", uma série do podcast Mundaréu. Aqui, a partir de um ouvido antropológico, a gente vai conversar sobre a epidemia do vírus Zika com cientistas que se dedicaram a estudar esse vírus em Pernambuco. Episódio 6, “O que seria uma ciência responsável?”

[A harmonia da música é preenchida pelo maracatu rural, com caixas e agbês. A melodia da guitarra ganha corpo. Vozes cantam o refrão da música]

*É chegado o tempo da inocência partir
Vida pede cimento, vou fincar minha raiz
Não me perder no vento da emoção do aprendiz
É chegado o tempo de ampliar a ciência
Sobre o que é ser feliz
(É chegado o tempo de ampliar a ciência sobre o que é ser feliz)*

Irene: Eu sou a Irene do Planalto e nesse episódio recebemos a Mariana Petruceli. A Mari faz parte do grupo de pesquisa Ciências do Zika e fez o trabalho de conclusão de curso dela sobre algumas responsabilidades das cientistas naquela epidemia.

Mariana: Oi Irene, que bom conversar com você! Pra introduzir esse tema das responsabilidades, eu acho que a gente tem que escutar essa cientista aqui:

Bernadete Perez: Por mais que se falasse, né, que a epidemia de... de Zika e de microcefalia associada ao Zika fosse uma questão ao acaso, né, a gente já anunciava há muitos anos a alta carga de doenças, principalmente no Nordeste brasileiro. E aí, eu falo do epicentro da epidemia, que foi Pernambuco, né. Então, a gente anunciava a situação das mulheres, né, fundamentalmente, porque essa história, né, de que se dizia, né, que o passado era um passado muito tranquilo, né, e, ao acaso, surgiu uma epidemia de Zika e síndrome congênita, não é verdadeira. Esse passado de paz não procede, e não procede porque as mulheres, famílias, principalmente periféricas, eram, são e continuam sendo submetidas a uma carga de doenças muito alta, então, nesse sentido, quando a gente fala...

Irene: Mari, quem é essa?

Mariana: Bom, essa é a Bernadete Perez, umas das minhas principais interlocutoras de pesquisa, professora do Departamento de Medicina Social da Universidade Federal de Pernambuco e uma das coordenadoras do projeto que investiguei no meu TCC.

Irene: A Mari e a Thais Valim entrevistaram a Bernadete em sua sala no Departamento de Medicina Social da UFPE lá em maio de 2022.

Bernadete Perez: E aí surgiu a Zika em 2014, né, as equipes de emergência já anunciavam que existia uma doença diferente e a vigilância pouco se importou com isso, é... e a chikungunya, e mais a ameaça de urbanização da febre amarela. Então, quando surgiram, fundamentalmente, né, os primeiros casos de síndrome congênita, né, nossa... talvez o nosso primeiro movimento foi iniciar uma pesquisa para vincular essas crianças num ambulatório e, antes de pesquisa alguma, a gente iniciou a intervenção, eu diria a você que é uma epidemia...

Irene: E Mari, você pode falar mais um pouquinho sobre seu projeto de pesquisa e como ele se relaciona com essa fala da Bernadete?

Mariana: Claro! É... esse foi meu projeto de TCC. Nele eu procurei entender algumas das responsabilidades assumidas por um grupo de pesquisadores do Zika. Eu fui pra Recife em maio de 2022 e eu conversei com vários cientistas que pesquisavam ou trabalhavam com o Zika. E, nossa, eles... eles atuavam em muitas frentes ao mesmo tempo. Aí eu percebi que cada uma dessas frentes vinha com uma bagagem de responsabilidades a serem assumidas ou ignoradas. A Bernadete, assim como outras cientistas que integravam o projeto dela, se mostravam muito engajadas politicamente com os interesses e as necessidades dos próprios pacientes e daí, essas responsabilidades que elas iam apresentando indiretamente nas nossas conversas foram me chamando muito a atenção. Aí, eu decidi investigar esses três eixos da pesquisa intervenção, que é como a Bernadete categoriza a própria pesquisa que elas faziam lá no Ambulatório, eles criaram esse Ambulatório no Hospital Universitário da UFPE só pra receber as crianças com a Síndrome Congênita do Vírus Zika.

Irene: Que massa!

Mariana: Daí eu fui relacionando cada eixo do, da pesquisa intervenção, com as diferentes responsabilidades que eu ia vendo ao longo das conversas que eu tive com os outros integrantes do grupo.

Irene: E quais são esses eixos?

Mariana: A própria Bernadete pode explicar isso pra gente, ouve só:

Bernadete Perez: É... eu acho que é importante, assim, te dizer que a gente teve três grandes eixos da... na pesquisa. Que a gente teve um eixo neuroclínico, né, é, de investigação e caracterização do agravo, caracterização, é... da doença, sinais, sintomas.

Mariana: Nesse eixo, o neuroclínico, ele era mais voltado pra investigação clínica da síndrome que tava surgindo, assim, em termos mais simples. Ele era uma tentativa de criar conhecimento científico, desenvolver protocolos de terapia, mapear os sintomas.

Bernadete Perez: Teve um eixo psicossocial, que foi um eixo, né, de correlacionar com os efeitos subjetivos, com, é, as características, né, de renda, é, raça, moradia, localidade, lugares com muita infestação, saneamento, coleta de resíduo, esgoto, abastecimento de água, tudo isso a gente investigou nesse eixo...

Mariana: Então, no eixo psicossocial, o objetivo era conhecer o contexto social e econômico das famílias atingidas pela epidemia. Então, eles também se preocupavam em garantir o direito das famílias aos benefícios devidos.

Bernadete Perez: E, num terceiro eixo, talvez a área que eu mais me inscrevo, né, mas assim, um terceiro eixo, que foi um eixo de redes integradas de atenção, de política de saúde.

Mariana: E esse terceiro eixo, das redes integradas, era uma tentativa de criar uma rede de atenção à saúde mais conectada, porque as mães reclamavam que os atendimentos eram muito espalhados pela cidade, elas precisavam rodar a cidade inteira pra encontrar diferentes profissionais da saúde. Por isso, esse esforço da Bernadete em juntar várias especialidades num único lugar.

Irene: Nossa, era um grande projeto, né?! Era só da Medicina Social?

Mariana: Não, outros departamentos também inscreviam projetos, assim, numa tentativa mesmo de até conseguir financiamento, mas, todos eles integravam esse Ambulatório do Zika. Mas é isso, assim como essas várias especialidades, os eixos também iam se misturando. Às vezes um se sobressaia, às vezes outro... e a gente vai ver no andar do episódio.

Irene: Então, vem com a gente ouvir quais são algumas responsabilidades das cientistas que enfrentam uma epidemia.

[Transição musical: Maracatu, com de caixas e agbês, um batuque leve, diminuindo ao longo da fala]

BLOCO 1 - Eixo biopsicossocial - A ideia de responsabilidade social

Mariana: Na prática eu percebi a relação do primeiro eixo, o eixo biopsicossocial, com a ideia de responsabilidade social. Diferente da maior parte dos outros projetos de pesquisa que eu conheci, o projeto que envolvia o Ambulatório do Zika possuía uma assistente social, a Delaine de Melo. Ela tinha um papel muito importante na equipe.

Irene: A Mari e a Thais também entrevistaram a Delaine em maio do ano passado, dessa vez de maneira remota.

Delaine de Melo: É, então, eu, eu entendo que o fato de a minha origem ter sido, é, permeada pelos mínimos, com garantia dos mínimos, com garantia de, dos mínimos que eu digo é casa, comida, roupas, estudo, mas sem grandes aparatos, outros aparatos, e convivendo com pessoas que tinham muito menos. Eu acho que isso reverberou em mim de uma de uma maneira, com uma lente pra olhar a realidade e pra aguçar desde muito cedo essa compreensão de que havia alguma coisa fora de lugar na organização societária, obviamente que eu não sabia nomear.

Mariana: Nessa fala da Delaine, olha como ela mostra que se preocupa com a família em diversos aspectos. Ela vai refletindo sobre a própria trajetória, entendendo que os marcadores sociais que perpassavam sua vida tinham interferência na sua carreira atualmente.

Irene: Aham.

Mariana: A pesquisadora estadunidense, Donna Haraway, nos conta no artigo "Saberes Localizados", que essa prática de reflexão entre os cientistas é crucial para a construção do que seria uma "ciência responsável". Isso mesmo do cientista saber se localizar na sociedade e se entender enquanto um corpo atravessado por diferentes marcadores sociais.

Irene: Como normalmente eles percebem os sujeitos de pesquisa, né? Eu lembro de ouvir até no jornal mesmo, que as famílias eram periféricas, com pouco acesso ao saneamento básico.

Mariana: Pois é! E os cientistas, como eles são? Acho que a Haraway acerta em cheio quando aponta isso, como uma coisa importante para a construção de uma ciência responsável, eu quero entender quem são os cientistas porque eu acho que isso afeta, sem dúvida, a ciência que eles constroem.

Irene: E qual era o papel da Delaine no Ambulatório?

Delaine de Melo: Eu acho que em 2018, eu entrei, então, para a equipe da pesquisa com uma proposta da gente fazer um estudo mais direcionado às famílias, condições de vida, um estudo socioeconômico das famílias e também ver como estava a vinculação com a rede, né, principalmente para a gente, pra a gente do serviço social, havia preocupação em relação aos benefícios sociais, ao acesso aos direitos sociais. Então a gente tinha preocupação de mediar o acesso a esse direito. Informar, socializar a informação e garantir a tramitação disso, né? Orientar sobre essa tramitação. E a gente foi então, se ocupou desse conhecimento com as famílias. Então a gente articulou com esse projeto de extensão que tinha e enquanto as mães e os familiares iam pro almoço, nós ficávamos como equipe com as crianças na brinquedoteca e ofertávamos alguma atividade musical, alguma brincadeira que a criança tivesse condições de fazer, mas pra que as mães, as famílias, pudessem pelo menos almoçar com um pouco de descanso.

Mariana: No projeto, apesar da Delaine coordenar esse eixo, vários outros cientistas parceiros dividiram a preocupação com a realidade das famílias. Mas isso não era em todo grupo de pesquisa não. Conversando com uma fisioterapeuta que também participava de algumas atividades do ambulatório, eu percebi que alguns cientistas de outros projetos se preocupavam mais com publicação e participação em evento do que de fato em promover um impacto real na sociedade... pelo menos era isso que algumas delas reclamavam.

Irene: Até porque são as publicações e eventos que servem como objetos de avaliação dos pesquisadores, né?

Mariana: Ah, em certo âmbito sim, né?

Irene: A gente até fala sobre isso no episódio 5, "Fome de pesquisador", com a Isadora Valle.

Mariana: As publicações elas são importantes não só pra avaliação dos cientistas individualmente, mas também dos programas de pós-graduação no qual eles estão inseridos. Daí a gente já pensa nesse segundo eixo, o da investigação clínica.

[Transição musical: Maracatu, com de caixas e agbês, um batuque leve, diminuindo ao longo da fala]

BLOCO 2 - Eixo neuroclínico ou Investigação clínica - A ideia de responsabilidade institucional

Mariana: Apesar dos três eixos se relacionarem e as responsabilidades coexistirem na ação desses profissionais, eu percebi que o eixo neuroclínico, ele buscava uma investigação clínica da síndrome, então ele era mais influenciado pelo que eu chamei de responsabilidades institucionais.

Irene: O que seriam essas responsabilidades institucionais, Mari?

Mariana: Então, conversando com os cientistas lá de Recife, eu percebi que a maior parte deles era vinculada à Universidades. Então, eles tinham essas responsabilidades também enquanto docentes, e a gente junta as responsabilidades de pesquisador e, aí, às vezes as responsabilidades de profissionais da saúde mesmo porque muitos deles atendiam em clínicas e hospitais, além de claro, como nesse projeto, eles atendiam dentro da própria pesquisa.

Irene: Caramba! É muita coisa ao mesmo tempo!

Mariana: Sim. É muita coisa. E é tanta que eu vou ter que focar em uma só, na **resposta científica**, que era meio que uma prestação de contas com as agências de fomento, com as universidades e com os pacientes/sujeitos de pesquisa ao mesmo tempo

Irene: Aquilo que a gente tava falando, né? As instituições de fomento valorizam muito a publicação, e você acha que os cientistas desse grupo também?

Mariana: Mais ou menos, acho que eu não posso dar uma resposta assim tão absoluta. Como tinham, sei lá, mais de 10 envolvidos no Ambulatório, não vi uma homogeneidade tão clara nesse âmbito. Mas uma coisa que preocupava todo mundo era de compreender a síndrome nova que eles estavam lidando, todo mundo ali trocava informações independente da especialidade. Eles queriam promover o melhor atendimento pras crianças porque é isso, a síndrome ela ia mostrando novos sinais ao passo em que as crianças iam crescendo, se desenvolvendo.

Irene: É, é igual a Thais falou um pouco no primeiro episódio dessa temporada, “Criança não é adulto pequeno”. Não tinha nada parecido com a Síndrome Congênita do Vírus Zika pros cientistas se inspirarem, né? Tipo, na COVID eles conseguiam traçar paralelos porque já tinham outras variantes do SARSCov antes.

Mariana: É isso mesmo, e é isso também que a Thais chama de “novidade médica”. Daí, nesse caso do Zika, um vírus novo na região, os cientistas eles se inspiravam nos protocolos usados com crianças com paralisia cerebral. **Aí com o desenvolvimento das crianças com micro eles iam percebendo coisas diferentes e até inéditas na carreira deles. Uma professora da Fisioterapia usou uma metáfora muito interessante uma vez, ela disse que [Música instrumental de suspense se inicia] “a situação era... tipo um sapatinho de criança, daqueles que brilham, sabe? A cada passo, a luz ilumina o que tem ao redor, mas lá na frente você não sabe o que tem”. [Efeito reverb acionado, voz com eco ao fundo trazendo a sensação de uma memória, um flashback, junto com a música de suspense].**

Irene: Por isso, a necessidade de acompanhamento constante e de uma rede diversa de profissionais, né? **[Música instrumental de suspense continua, já sem o efeito reverb na voz]**

Mariana: Exato! O que eu percebi é que essa comunicação entre as especialidades era algo muito valorizado nessa equipe, que via que uma epidemia não poderia ser compreendida, sabe, pela perspectiva de uma só especialidade. Era uma responsabilidade com a ciência mesmo, em produzir uma ciência que contemplasse a realidade. A Delaine fala muito bem desse segundo eixo, o neuroclínico, ela fala mais por uma perspectiva ético-política das ciências. Ouve só:

Delaine de Melo: A crise está instalada, há que se fazer alguma coisa. E o recurso à ciência é uma das coisas que é feita, né. Por exemplo, a gente sabe que o ambiente da ciência médica é um ambiente muito exclusivista, né? E esse estudo, por exemplo, esse, esse projeto de pesquisa, ele poderia ter

sido só da medicina, só da neurologia, só da epidemiologia, mas havia um posicionamento político da pesquisadora principal, que é Bernadete, e que ela defende a multidisciplinaridade, a interprofissionalidade. Então, acho que é uma definição da ordem **ético-política da pesquisadora.**

[Transição musical: Maracatu, com de caixas e agbês, um batuque leve, diminuindo ao longo da fala]

BLOCO 3 - Eixo das redes integradas, clínica ampliada e atenção à saúde - A ideia de responsabilidade das redes

Irene: Bom, **você já falou do primeiro** e do segundo eixo, né Mari? Mas e o terceiro como é que foi?

Mariana: Ah, o terceiro eixo do projeto delas foram as tais “redes integradas”, como a Bernadete nos explicou.

Bernadete Perez: E o que a gente fez foi organização de modelo de atenção a partir do hospital, onde a gente pudesse ter uma equipe de referência no hospital, mas a gente conseguisse fazer um movimento de rede integrada, principalmente a partir do território, a partir da cogestão, da inclusão das mulheres, tal. O que não é fácil num hospital universitário extremamente machista, então o que...

Mariana: Aí, a gente vê, né, as redes que elas falam tem um múltiplo sentido, uma rede de acolhimento, uma rede de atenção à saúde, uma rede de garantia de direitos, uma rede de pesquisadores. Tudo é levado em consideração quando elas pensam a construção dessa tal rede.

Bernadete Perez: É muito difícil juntar, principalmente, né, as, as especialidades médicas. Mas assim, T.O. [terapia ocupacional], fisio, a gente fez uma parceria muito forte com a fisioterapia, até hoje né.

Mariana: E é como eu falei, os eixos conversam entre si. Olha essa relação que a Delaine traça entre os três eixos:

Delaine de Melo: Que aquelas famílias que vinham muito cedo para essa, as diversas terapias, que elas pudessem ter direito à refeição, ao almoço no hospital pra que elas pudessem ficar de tarde pra o atendimento com equipe do serviço social e com a equipe da fisioterapia que estava pesquisando sobre desenvolvimento neuropsicomotor e as habilidades que estavam sendo desenvolvidas, uma vez que as crianças que nasceram.

Irene: Agora eu entendi quando você diz que os eixos conversam.

Mariana: Pois é, né, e a equipe era bastante interdisciplinar. Tinham professores de diferentes cadeiras da medicina, mas também da fisioterapia, da fonoaudiologia, da enfermagem, da terapia ocupacional.

Irene: É igual a Soraya contou pra gente no Episódio 5, “O Zika me formou”, as estudantes de graduação e da pós eram cruciais pro andamento da pesquisa.

Mariana: E isso era algo comum a vários grupos, não só esse do Ambulatório de Zika. Mas esse que eu pesquisei mais a fundo, essa convivência entre diferentes níveis de formação era quase como que inerente à rotina da equipe, como a Delaine nos contou:

Delaine de Melo: É, e estávamos juntos sempre semanalmente, com as discussões, com preparação de eventos, fizemos alguns, com as notícias que aconteciam sobre microcefalia, como repercutia, né? É, outra coisa também com publicações sobre, sobre microcefalia, que também a gente estava tendo, discussões de casos, né? E com as demandas das famílias, porque todos tinham os nossos telefones. Então acontecia alguma coisa, elas falavam, se a gente precisasse falar com elas sobre qualquer coisa,

a gente também tinha os contatos. Então a gente tinha essa relação mais estreita, toda a equipe. E a gente vivia tensionando ao hospital pra alargar a rede interna mesmo, pra, é, ser mais ágil, mais célere.

[Música tema: “Suporto Perder”, de Flaira Ferro e Igor de Carvalho. O instrumental cresce aos poucos, iniciando com uma base de teclado em melodia rápida e repetitiva, bateria marcada e logo vem a guitarra com melodia lenta e marcada, grave. Ao fundo da melodia ouve-se sons como gritos de guerra e canto de pássaro. As diversas informações sonoras trazem sensação de suspense e alerta]

FECHAMENTO

Delaine de Melo: Olha, eu, apesar de estar no campo da ciência, eu entendo que a ciência ela exige um posicionamento político também. Na verdade, tudo que a gente faz exige um posicionamento ético-político e eu não posso dizer que toda ciência é ética. Nem posso dizer que todo posicionamento, é, de pesquisadores e pesquisadoras ele é politicamente referenciado no sentido de defesa, por exemplo, da classe trabalhadora. Então eu acho que obviamente que eu compreendo que muitos estudos eles tinham, isso aqui na minha perspectiva, ademais da contribuição científica, havia um personalismo, né, no sentido das grandes descobertas, quem é que é que é o nome das grandes descobertas? Onde que essas grandes descobertas acontecem e quem publica essas grandes descobertas, né? Então eu acho que temos campos da ciência altamente elitizados e aí não foi diferente. Quando a gente faz a escolha de ouvir as famílias, de ouvir as mulheres, de ouvir, é, quem está na rede de saúde básica. Isso é uma escolha ético, ético-política, é, e quando.

Mariana: Essa foi uma das coisas que eu percebi depois de conhecer esse grupo de pesquisadores. As responsabilidades que os cientistas assumem, que vão até decidindo alguns rumos da pesquisa, como a Delaine nos mostra, são frutos de escolhas políticas. Uma responsabilidade que une todos, na verdade assim, independente de qualquer identificação política, é responsabilidade em produzir uma resposta científica. Aí o que vai variando é como essa resposta vai ser construída, né? Quais responsabilidades que vão ser assumidas.

Irene: É mesmo.

Mariana: Daí os cientistas apresentados nesse trabalho, em especial esses que compõem a equipe que atua no Hospital das Clínicas, parecem compreender que a ciência por si só e os seus achados não necessariamente correspondem às demandas da população. Por isso, eu vi que eles pareciam se guiar por essas demandas para a construção de suas agendas científicas.

[Música tema: A harmonia da música é preenchida pelo maracatu rural, com caixas e agbês. A melodia da guitarra ganha corpo. Vozes cantam a música enquanto as falas seguem]

*É chegado o tempo da inocência partir
Vida pede cimento, vou fincar minha raiz
Não me perder no vento da emoção do aprendiz
É chegado o tempo de ampliar a ciência
Sobre o que é ser feliz
(É chegado o tempo de ampliar a ciência sobre o que é ser feliz)
Toda casca rompendo, a ganhar cicatriz
Não tem mão na cabeça, não tem mimo ou juiz
Sou só eu, em meu centro, descascando o verniz
Toda casca rompendo
Pra entender onde habita minha força motriz
Se é uma briga, se é uma briga, se é uma briga, se é uma briga, é*

*Se é uma briga, se é uma briga, se é uma briga, é...
Se é uma briga pra mostrar quem tem mais força, ouça
Não faço muita questão
Sou magra de corpo, sem músculos fortes
Minh'alma é a arma, não tens esse porte
E não que eu me importe, mas vou te dizer
Eu tenho suporte, eu suporte perder
E não que eu me importe, mas vou te dizer
Eu tenho suporte, eu suporte perder.*

Irene: Identificar essas responsabilidades é muito importante pra nossa formação enquanto cientistas, assim, a gente pode pensar sobre os impactos das nossas próprias pesquisas. Diferentes maneiras de fazer ciência, mais abertas à diferentes perspectivas e mais atenta às demandas da população. Agradeço à Mariana por ter nos contado esses resultados todos da sua pesquisa. Quero agradecer também à Delaine de Melo e à Bernadete Perez por nos contarem as suas histórias. Os currículos dessas pesquisadoras, os conceitos e outras autoras que a gente citou, assim como todo o experiente de produção, podem ser encontrados na descrição desse episódio e no site Mundaréu: <https://mundareu.labjor.unicamp.br/> A nossa série é financiada pela Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal e a música que nos embala é “Suporte Perder”, da cantora pernambucana Flaira Ferro e do Igor de Carvalho, e também com a voz do Chico César.

Como vocês sabem, o Mundaréu faz parte da Rádio Kere-Kere, um coletivo de podcasts de ciências humanas, com destaque pra a Antropologia. E hoje, eu deixo a dica do “**Antropólis Podcast**”. O Antropólis é um projeto de extensão da Universidade Federal de Pelotas e tem como foco a discussão de questões teóricas e metodológicas relacionadas às pesquisas urbanas e pesquisas que lidam com o uso de recursos visuais e sonoros no campo da Antropologia. Corre lá que já tem quase 30 episódios te esperando: <https://radiokerekere.wordpress.com/>

E é isso, até mais! A gente se ouve no nosso próximo episódio da série, “Ciências do Zika”.

[Música tema: A maior parte do instrumental se encerra, se ouvem apenas as vozes cantando e uma batida de tambor rápida ao fundo]

*E não que eu me importe, mas vou te dizer
Eu tenho suporte, eu suporte perder
E não que eu me importe, mas vou te dizer
Eu tenho suporte, eu suporte perder*